patrística. A primeira edição é de 1971. A relevância da sua reedição tem a ver com o facto de o problema teológico da Igreja ser hoje porventura o mais importante da teologia. Não se trata, como quer que seja, de um tratado sistemático de eclesiologia, mas de um estudo das raízes históricas que configuraram a natureza e a estrutura da Igreja nos três primeiros séculos. Não são pois, diretamente, os fundamentos neotestamentários que ocupam o estudo de Batiffol, mas o entendimento e a prática dos primeiros tempos da mesma Igreja.

O problema fundamental que este patrólogo se propõe enfrentar é o seguinte: Será que a comunidade de fé, hierarquicamente estruturada, que nos é atestada desde o final do século I, faz parte da essência do cristianismo original, ou é antes uma criação da geração pós-apostólica? A posição a que o conduzem os seus estudos é de que, se a Igreja nascente se inspirou nas estruturas do judaísmo, todavia é irreduzível a este, antes se enraizando no Cristo histórico. No que se refere aos desenvolvimentos doutrinários e institucionais dos primeiros séculos, eles são a pura eflorescência do Pentecostes e o desenvolvimento da tradição apostólica.

O livro compõe-se de oito capítulos, precedidos de um longo prefácio desse outro grande patrólogo que foi Jean Daniélou (pp. VII-LVI). O primeiro capítulo incide sobre as semelhanças e as diferenças entre o judaísmo da diáspora e a cristandade emergente. O segundo e o terceiro estudam a Igreja nascente, ao tempo, respetivamente da primeira e da segunda geração cristãs. Sempre com a adução e a análise de factos muito concretos e de testemunhos historicamente verificados. O capítulo quarto estuda o catolicismo de Santo Ireneu, com dois excursos: um sobre a dupla marcionismo e catolicismo e o outro sobre o fim do judeo-cristianismo. O quinto é dedicado ao

caso de Clemente de Alexandria. O sexto às variações de Tertuliano (animosidade contra a filosofia, doutrina sobre as heresias, oposição entre tradição e verdade, revolta contra Roma...). O sétimo incide sobre Orígenes e a ortodoxia grega. O oitavo estuda S. Cipriano e a sua relação com Roma.

Obra de grande fôlego, escrita por alguém que foi eminente especialista na matéria, é um livro bem-vindo, designadamente para quantos se dedicam a estudos de eclesiologia e de patrologia.

LUÍS SALGADO

PANNENBERG, Wohlfhart, **Le Symbole des Apôtres. Commenté en réponse aux questions actuelles**, coll. « Bibliothèque du Cerf », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 192 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09824-3.

O conteúdo deste livro foi publicado pela primeira vez há quarenta anos, em 1972. Pannenberg coligiu nele uma série de conferências pronunciadas para os estudantes de todas as faculdades, ao tempo em que era professor na Faculdade de Teologia protestante em Munique. Antes de o publicar, trabalhou o texto tendo em conta também o diálogo havido com os seus ouvintes.

O título é suficientemente elucidativo. Trata-se de um comentário ao Credo na sua versão de Símbolo dos Apóstolos niceno-constantinopolitano, tendo em vista a sua compreensão pelo homem culto do nosso tempo. Três fundamentais preocupações presidiram à sua elaboração: evidenciar o sentido primitivo de cada um dos artigos do Símbolo; ter em conta os contributos da ciência bíblica entretanto desenvolvida; ir ao encontro da cultura atual, das convicções

que nela andam e dos problemas que a partir dela se levantam, para tornar legível ou compreensível os enunciados. Sempre aliando, como é típico do seu pensamento em geral, reflexão teológica, conhecimento histórico e filosofia.

Pannenberg – nisso não fazendo justiça a certa fama de obscuridade ligada ao pensamento alemão em geral – procura, de facto, explicar com muita clareza quer cada artigo como um todo quer os termos e expressões que nele possam constituir problema ou dificuldade. Tendo em conta as características dos ouvintes e a natureza do seu contributo, evita o aparato científico. Usa frases em regra curtas (que só por isso ajudam à clareza). Detém-se em particular na explicação sobre termos ou expressões que possam oferecer mais dificuldade ou que se revelem mais fundamentais, como, p. ex., «Creio», «Desceu aos infernos», «sentado à direita do Pai», «ressurreição da carne», etc. Com preocupação ecuménica, tem em conta algumas pequenas divergências entre a tradução protestante, proveniente da Reforma, e a versão católica. Exemplo disso é a substituição da luterana «desceu à morada da morte» pela católica «desceu aos infernos», que considera aliás mais profunda no seu sentido.

Não obstante, à distancia de quarenta anos, ser passível de retoques e aperfeiçoamentos de vária ordem, este comentário ao Símbolo dos Apóstolos permanece um excelente subsídio que muito pode ajudar teólogos e simples cristãos a saberem no que realmente devem crer quando pronunciam as palavras do seu Credo.

JORGE COUTINHO

KLAINE, Roger, *Aussitôt après la mort. Recherche biblique*, coll. «Épiphonie», Les Éditions du Cerf (www.

editionsducerf.fr), Paris, 2011, 107 p. 200 x 110, ISBN 978-2-204-09529-7.

O grande mistério que é, para todo o ser humano, o lado de lá desta vida perturba-nos a todos quanto baste. Roger Klaine, depois de, em outras circunstâncias e outros textos, ter pensado e escrito bastante sobre ele, fez a experiência dolorosa da perda de uma amiga e colaboradora, desaparecida, em poucos minutos apenas, dos seus olhos e da sua relação viva. Neste livro, de dimensões modestas, propõe-se responder a questões bem concretas que esta separação brutal levantou ao seu espírito: em que se transformou esta mulher que, pouco antes, ria à mesa em sua companhia? a ruptura é definitiva? será que esta amiga continua a existir, na sua originalidade e na sua completude, depois de ter morrido? E, nesse caso, onde está ela? que faz? qual o outro lado da sua transformação?

Para tentar responder, faz um percurso pela história bíblica e seus livros, desde o AT. Essa história permite-lhe, ao mesmo tempo, verificar inquietação semelhante no decurso dos séculos, mesmo entre aqueles que acreditaram no Deus bíblico, e as tentativas de encontrar respostas para questões como as que agora se colocava a si mesmo. Vai então fazendo o levantamento dessas intuições do povo bíblico, que constituem, afinal, outras tantas fulgurações de uma progressiva revelação divina. Fulgurações mais ou menos obscuras, por onde se vai desvelando o grande mistério do Além, incluindo o do imediato após a morte. Expressas na linguagem metafórica, simbólica e apocalíptica, elas têm em conta a cultura e a linguagem do povo e do tempo em que emergem no texto escriturístico. Umás mais em referência à globalidade do género humano, outras mais tendo em conta cada pessoa individual; umás mais em termos de um fim do mundo mais ou